



LIÇÃO 13 LEVITA, SACERDOTE OU SAMARITANO?

#conectou?

Com certeza você já ouviu falar do Altruísmo, o que você talvez não saiba, é que o ato de amor ao próximo tem uma explicação científica no mínimo interessante. Pesquisador do Instituto Nacional de Saúde dos Estados Unidos, o neurocientista brasileiro Jorge Moll Neto fez um estudo sobre os benefícios das boas ações. Utilizando 19 universitários voluntários que receberam US\$ 128 e deveriam decidir o que fazer logo após receber o dinheiro: ficar com ele ou doar a uma Entidade Filantrópica. Nas suas decisões foram submetidos a uma ressonância Magnética Funcional. Em média os voluntários doaram a metade do que receberam,

variando de US\$ 21 a US\$80. A ressonância mostrou que aqueles que doaram, ativaram um segundo estágio no sistema cerebral, conhecido como sistema de recompensa, que na verdade é o córtex subgenua (parte do cérebro responsável pela ligação de longo prazo entre as pessoas) enquanto os que não fizeram, ativaram só a primeira área.

Diante deste estudo percebemos que fazer o bem ao próximo não faz bem só a alma, mas mantém corpo e mente saudáveis também. O pesquisador também respondeu um questionário feito pelo Jornal Folha de São Paulo e sua pesquisa também foi publicada na revista PNAS.

Eis a entrevista publicada no jornal **O Estado de S. Paulo**, 3-1-2007:

Muito já se falou que por trás de boas ações há sempre um interesse particular. Seu estudo mostra o contrário. Quer dizer então que doamos porque faz bem?

(Risos) Bom, não exatamente. Falar assim fica parecendo hedonismo. A filosofia interpreta que devemos fazer o que é certo independentemente do benefício que possamos ter em troca. A biologia, no sentido mais estrito, diz que isso não faz sentido, porque somos moldados para a sobrevivência da espécie. Nos últimos anos a ciência resolveu alguns paradoxos principalmente em relação a animais sociais. Se viu que nestes casos normalmente a cooperação é proporcional ao parentesco genético. Mas há pessoas que se sacrificam por ideais e por pessoas que lhe são estranhas. Nosso estudo sugere uma explicação neural. Quando fazemos uma doação, nosso sistema de recompensa (mesolímbico dopaminérgico) é ativado, assim como o córtex subgenua, região envolvida com o apego social, com a formação de laços afetivos de longo prazo, como o que ocorre entre mãe e filho, entre casais e entre amigos.

Mas se a área é ligada aos relacionamentos, como explicar as boas ações em relação aos estranhos?

Aí vem uma possível explicação evolutiva que aventamos com este trabalho. Se pensarmos nas primeiras sociedades tribais, em que as pessoas começavam a respeitar rituais, princípios religiosos, fenômenos culturais, etc., e que tinham de se voluntariar para fazer alguma coisa - construir um monumento, por exemplo -, podemos deduzir que o sistema de apego foi re-

modelado de modo a nos envolvermos com causas abstratas. Acredito que isso foi fundamental para a estabilização da espécie humana. Do ponto de vista energético, participar de algo assim podia ser custoso, às vezes não levava a nenhum benefício imediato para a pessoa, mas provavelmente servia para o benefício geral do grupo e para a coesão social.

Uma vez que é prazeroso e é interessante em termos evolutivos fazermos o bem, por que as boas ações não são a regra?

Descobrimos que temos em nossa biologia uma predisposição a valorizarmos a doação. Mas é claro que existem diferenças entre as pessoas que só podem ser explicadas pela variabilidade genética: uns são mais capazes de sentir empatia que outros. Em um extremo temos os psicopatas, incapazes de se ligar tanto a pessoas quanto a normas sociais. Do outro lado temos os exemplares morais, como aquelas pessoas que enfrentavam riscos enormes para salvar os judeus na Segunda Guerra. Mas se olharmos uma sociedade como um todo, é claro que a cultura faz diferença. O sistema de valores de um povo é capaz de encorajar as pessoas a terem atos mais altruístas ou mais agressivos. Dependendo da cultura, ela vai estimular representações cerebrais que podem promover comportamentos socialmente mais louváveis. Quando o contrário ocorre e há muita injustiça, as pessoas se voltam para princípios muito mais elementares de sobrevivência individual.

CONTINUA NA PRÓXIMA PÁGINA >>



LIÇÃO 13 LEVITA, SACERDOTE OU SAMARITANO?

Considerando os extremos do egoísmo, a neurociência já encontrou alguma área no cérebro que provoque satisfação no indivíduo que só age em causa própria?

Com certeza. Existem os mecanismos cerebrais de auto-defesa e autopromoção. Um dos princípios fundamentais no ser humano é o da sensação de controle, de poder. Você pode controlar seu entorno se engajando em um programa social, por exemplo, ou dirigindo uma companhia ilegal que explora o trabalho infantil. Então a mesma motivação individual de poder pode ser acoplada a uma causa altruísta ou a uma causa egoísta.

Então não podemos descartar o altruísmo em causa própria?

Pois é. A gente sabe que as pessoas podem se sacrificar por uma causa mesmo em condições de anonimato, como foi o nosso experimento. Mas sabemos que se a boa ação ocorrer junto com algum tipo de aumento da reputação, a pessoa será muito mais altruísta. No entanto, o importante desse estudo é que ele mostra um princípio: que temos mecanismos cerebrais que explicam emocionalmente porque uma pessoa faz coisas altruístas mesmo sem nenhum ganho pessoal, nem mesmo de visibilidade social. O problema é quando a estrutura social não oferece nem oportunidade de a pessoa tentar fazer alguma coisa. E aí não importa que o cérebro diga que fazer o bem é bom porque não vai adiantar.

Nesse caso, quem segue uma religião teria mais a tendência altruísta por causa do ambiente?

De fato quem está dentro de grupos religiosos costuma se voluntariar mais. Mas aí fica a questão: será que é por causa de fé? Eu acredito que não. Acho que essa maior generosidade ocorre porque essas pessoas estão colocadas em um ambiente mais estruturado que estimula o engajamento social. Não é simplesmente porque Deus manda. Com o devido estímulo é possível resgatar essa motivação natural.

Mas isso não é um pouco o senso comum de “corrente do bem”?

Antigamente eu achava que esse papo era balela, mas estou vendo que os exemplos motivam mesmo. E a pesquisa neurológica embasa isso. Só de pensar em fazer o bem nossos volun-

tários já ativavam o sistema de recompensa e liberavam uma carga de dopamina (neurotransmissor envolvido na sensação de bem-estar). Uma vez que a neurociência compreende os mecanismos por trás disso, percebemos que é fato, que temos um sistema cerebral que estimula o altruísmo. Então passa a ser uma verdade biológica.

Não é meio determinista falar isso?

Pode ser. Mas em vários momentos na ciência as pessoas advogaram o contrário, que o ser humano é egoísta por natureza. Se a gente tem esse modelo na cabeça, montamos uma sociedade que não consegue antever qualquer comportamento altruísta, com a idéia de que o cérebro não o permite. Mas sabemos que o cérebro tem esse mecanismo e podemos pensar em formas de estimular esse comportamento.

Em vez de falarmos que a humanidade tem uma natureza ruim, você está dizendo que somos bons?

Em linhas bem gerais, a gente pode, como sociedade, tanto ser um demônio quanto um anjo. O nosso cérebro nos permite fazer coisas maravilhosas e horrorosas. Os sistemas estão lá, só dependem do estímulo.

Sua pesquisa derruba então a idéia do gene egoísta?

Acho que o gene egoísta continua existindo, mas da forma como evoluímos, é possível que ele, ironicamente, tenha se transformado em um gene altruísta, porque nossa sobrevivência individual dependeu de a gente cooperar em grandes grupos.

Fonte consultada:

www.ihu.unisinos.br/noticias